



Etec Irmã Agostina
Benefícios das Práticas ESG
Dentro das Organizações e
seus Impactos no Ambiente
Social.



São Paulo/SP - Brasil
10 de dezembro de 2024

Ana Clara Ferreira da Silva
(Etec Irmã Agostina. Curso Técnico em Administração)

ana.silva5803@etec.sp.gov.br

Ana Sophia da Silva Almeida
(Etec Irmã Agostina. Curso Técnico em Administração)

ana.almeida496@etec.sp.gov.br

Débora da Silva Santos
(Etec Irmã Agostina. Curso Técnico em Administração)

debora.santos515@etec.sp.gov.br

Genilson de Lima Santos Junior
(Etec Irmã Agostina. Curso Técnico em Administração)

genilson.santos23@etec.sp.gov.br

BENEFÍCIOS DAS PRÁTICAS ESG DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES E SEUS IMPACTOS NO AMBIENTE SOCIAL

RESUMO: Nos últimos tempos o conceito de ESG (Environmental, Social and Governance) tem ganhado relevância no ambiente corporativo, este trabalho explora os benefícios desses três pilares nas organizações, destacando seus impactos no ambiente social e na sustentabilidade empresarial. O estudo busca analisar os benefícios associados à adoção do ESG, incluindo o fortalecimento das relações com os stakeholders, bem como compreender, analisar e apresentar os três pilares que compõem o ESG para as organizações que aplicam essas práticas. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e entrevistas com representantes de empresas que implementam práticas ESG. Os resultados indicam que a integração desses princípios contribui para a criação de valor a longo prazo, além de promover a responsabilidade social, ambiental e de governança. Concluímos que as práticas ESG são essenciais para a competitividade e resiliência das empresas no cenário atual, especialmente diante das crescentes exigências de consumidores e investidores.

Palavras-chave: Sustentabilidade; responsabilidade social; governança corporativa.

ABSTRACT: In recent times, the concept of ESG (Environmental, Social and Governance) has gained relevance in the corporate environment. This paper explores the benefits of these three pillars in organizations, highlighting their impact on the social environment and corporate sustainability. The study seeks to analyze the benefits associated with adopting ESG, including strengthening relationships with stakeholders (society, environment, and corporate governance), as well as understanding, analyzing, and presenting the three pillars that compose ESG for organizations that implement these practices. The research adopts a qualitative methodology, based on a literature review and interviews with representatives of companies that implement ESG practices. The results indicate that the integration of these principles contributes to the creation of long-term value, in addition to promoting social, environmental, and governance responsibility. We conclude that ESG practices are essential for the competitiveness and resilience of companies in the current landscape, especially in the face of growing demands from consumers and investors.

Keywords: Sustainability, social responsibility, corporate governance.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, as práticas de ESG (Environmental, Social and Governance) vêm ganhando destaque no cenário corporativo, de acordo com Totvs (2024), ESG é um conjunto de boas práticas, que tem como objetivo buscar maneiras de minimizar as consequências do impacto negativo que as organizações podem causar, não levando em consideração apenas os resultados financeiros, mas também, os impactos ambientais, sociais e governamentais.

O surgimento do ESG possui raízes mais profundas do que imaginamos, pois antes dessa sigla segundo Froehlich e Bitencourt (2016), o conceito de sustentabilidade empresarial se iniciou no final da década de 1990, onde surge o tripé

da sustentabilidade, também conhecido como Triple Botton Line (People, Planet, Profit) criado por John Elkington, o qual ganha destaque no contexto empresarial. Para ele, os modelos tradicionais de negócio podiam ampliar-se para um novo padrão ao deixar de lado somente a visão econômica no momento de avaliar uma empresa, mas, incluir também os desempenhos social e ambiental na gestão de uma organização. A partir disso, o método ESG de sustentabilidade empresarial surgiu, e com ele maneiras inovadoras de aplicar a função social das empresas beneficiando a sociedade, o meio ambiente e a própria instituição, em relação ao mercado financeiro, nas relações com stakeholders e no desenvolvimento de políticas públicas que incentivem práticas empresariais mais responsáveis e sustentáveis (PORTER, M. E.; KRAMER, M. R., 2011)

A escolha do tema “Benefícios das Práticas ESG Dentro das Organizações e seus Impactos no Ambiente Social”, foi motivada pela crescente necessidade de compreender melhor sobre o conceito de ESG, e ainda assim, o interesse por parte dos gestores e profissionais da área administrativa, que buscam atender a gradativa pressão por partes de seus acionistas (investidores) e de seus consumidores, a fim de impulsionar empresas de todos os setores a adotar modelos de negócios mais sustentáveis, transparentes, e socialmente responsáveis. Apesar de sua importância para as práticas empresariais, onde se tem evidências de que empresas com fortes desempenhos em ESG tendem a ser mais resilientes e rentáveis a longo prazo e terem atraído o interesse de investidores em busca de retorno, o tema ainda está em processo de evolução na administração, trazendo uma certa dificuldade na implementação, seja por questões de criar uma consciência dos funcionários sobre sua importância, ou pelo alto custo financeiro exigido.

O objetivo deste estudo, é apontar e explicar os benefícios do ESG na sua implementação no ambiente corporativo e o impacto dele enfrentado pelas organizações no meio social, analisando esses três pilares nas organizações, enquanto se realiza uma pesquisa de campo, para identificar como as práticas exemplares podem gerar benefícios e impactos positivos tanto internamente, quanto externamente.

2 OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Definir e explicar o conceito da sigla ESG, demonstrando sua relevância no ambiente corporativo e identifica-os benefícios do ESG dentro das organizações e seus impactos positivos no meio social.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Explicar os três pilares que compõem o ESG e detalhar qual o seu fundamento;

Desenvolver sua relevância nas organizações;

Realizar uma pesquisa de campo com o fim de compreender seus impactos nas empresas, sendo as empresas: Rumo S.A e Zurich Minas Brasil Seguros S.A;

Identificar como as empresas podem criar práticas que se tornem atraente ao mundo corporativo, com o mover de se tornar exemplo de impacto social positivo, na sociedade, no meio ambiente e na própria cultura organizacional entre colaboradores.

3 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa e compreender aprofundadamente o que é ESG e quais os benefícios ele pode trazer para o meio corporativo, salientando na melhoria de teorias científicas já existentes, optou-se por uma metodologia baseada na pesquisa de campo e bibliográfica juntamente com abordagem qualitativa e exploratória.

“A metodologia é o estudo do planejamento que foi utilizado no processo de uma pesquisa. Sendo acatados os meios e ferramentas usados na trajetória de formação da pesquisa científica.” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009)

Sendo assim, em nosso trabalho utilizamos o método de pesquisa de campo, que visa ter uma maior proximidade com o tema e buscar entender na prática os impactos de tais medidas aplicadas nas organizações com o fim de buscar aquilo que (GONSALVES 2001, p.67 apud PIANA, 2009), cita:

“Buscar a informação diretamente com a população; pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa

ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].’

Em nosso desenvolvimento, a população (citada acima) será alterado por organização, a fim de termos informações diretas com elas.

Além disso, optamos pela pesquisa bibliográfica, que de acordo com Sousa; Oliveira e Alves (2021) é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho, para que alcancemos um levantamento bibliográfico, com o propósito de compreender a realidade estudada, na busca de conhecer melhor sobre o âmbito corporativo em que as práticas ESG estão inseridas.

Assim sendo, o presente estudo foi desenvolvido juntamente com um levantamento exploratório, que segundo Praça (2015), busca se familiarizar com os fenômenos surgidos durante a pesquisa, explorando os próximos passos com mais profundidade e maior precisão, para que assim, possamos conhecer com maior lucidez o assunto, fazendo com que se torne claro quando construir o desenvolvimento dos tópicos seguintes.

Na abordagem qualitativa, onde se apresenta as técnicas de observação e dados usados como principal método de investigação, aborda o “contato direto e próximo entre o pesquisador e o objeto de estudo, fundamental para compreender melhor a visão dos sujeitos envolvidos” (SANTANA E LEMOS, 2018). Para garantir sucesso na condução do estudo, será apresentada uma entrevista realizada com duas empresas que adotam práticas ESG, esta entrevista será utilizada como instrumento de pesquisa, já que, conforme apontam Santana e Lemos (2018), é uma ferramenta eficaz para coleta de dados, com enorme utilidade para a pesquisa, tanto o desenvolvimento da entrevista quanto os demais métodos empregados servirão como fontes.

Quaisquer das abordagens citadas serão essenciais para a construção de um referencial bem fundamentado, que não apenas identifique sua relevância, mas também proponha tópicos eficazes para expor os benefícios que essas práticas podem causar a empresa a as futuras gerações. Este estudo detalhado tem como objetivo trazer a relevância e abordagem de organizações com práticas ESG.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 CONCEITO E FUNDAMENTOS DE ESG

ESG é um acrônimo que apresenta três áreas principais de foco para práticas empresariais responsáveis: Ambiental, Social e Governança (no português e de acordo com sua sigla “Environmental, Social and Governance”). Esses três pilares ajudam a avaliar o impacto e a sustentabilidade das operações de uma empresa.

“é um conjunto bastante amplo de questões, desde a pegada de carbono até as práticas trabalhistas e de corrupção, que justificam a criação de critérios e práticas que direcionam o papel e a responsabilidade dos negócios em direção aos fatores ambientais, sociais e de governança corporativa” (IRIGARAY E STOCKER, 2022)

Este termo na prática mostra maneiras de minimizar as consequências de um impacto negativo que uma organização pode causar e assim buscar um mundo ético e socialmente responsável, segundo Redecker e Trindade (2021) acaba valorizando questões que vão além do lucro, “preocupando-se também com a manutenção de uma atuação econômica mais sustentável ao valorizar questões ambientais, sociais e de governança corporativa”. Pode-se notar que a inovação nos tempos atuais e a busca por soluções responsáveis, para a maioria dos líderes empresariais, o ESG se tornou uma prioridade máxima descreve Abou-Jaoudé (2023).

A sigla (ESG) tem sido notável nos últimos anos, porém como informa Silva (2023), a preocupação das empresas com investimentos e querer serem mais sustentáveis já vem a um tempo pela Sustentabilidade Empresarial que precursora para o nascimento e o atual “ressurgimento” do ESG. Desse modo, é importante salientar que ESG não é o mesmo que Sustentabilidade Empresarial ou uma evolução dela, apesar de parecidas, Sustentabilidade Empresarial:

“[...] origina-se de “desenvolvimento sustentável” cunhado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1987 em seu relatório Our common future, uma iniciativa das Nações Unidas que atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades” (WCED, 1987).

A partir dela se opera e garante a longevidade e a responsabilidade da empresa, equilibrando os interesses econômicos, ambientais e sociais sem afetar as gerações futuras. A ideia de Sustentabilidade Empresarial ganhou compreensibilidade e impulso quando em 1997 John Elkington - Famoso na esfera acadêmica e empresarial, escritor britânico considerado o “pai da sustentabilidade” - publica seu

livro “Canibais com garfo e faca” onde apresenta o *Triple Bottom Line*¹ ao mundo “propondo que, as organizações para serem sustentáveis, deveriam equilibrar seus objetivos, sendo “financeiramente viáveis, ambientalmente responsáveis e socialmente justas” (SILVA,2023).

Assim foi lançada a expressão ‘tripé da sustentabilidade’, que recomendava que, “além do lucro, as empresas tinham de olhar também para o lado social de seus empregados e parceiros” (VEIGA,2020). O *Triple Bottom Line* é um modelo que estuda os impactos negativos que podem ser causados pela empresa e trabalha para que esses impactos sejam revertidos ou menores possível para um resultado positivo levando em consideração os aspectos já citados anteriormente: econômicos, sociais e ambientais. Avila (2021), em seu artigo, destaca que o conceito de Triple Bottom Line (Tripé da Sustentabilidade), também conhecido como os 3 Ps da Sustentabilidade — Pessoas (Pessoas), Planeta (Planeta) e Lucro (Lucro), são essenciais para que a abordagem do ESG em uma empresa seja coerente e eficaz.

Outro fundamento que agrega para o conceito de ESG é a Teoria dos Stakeholders que segundo Freeman (1984):

[...] surgiu como uma sugestão de repensar a conceptualização da gestão estratégica, já não centrada na empresa como uma unidade de decisão focada na figura do empresário decisor, mas antes centrada nas coligações de interesses, dentro e entorno da organização que apresentam solicitações (claims) aos respectivos gestores. (FREEMAN,1984)

Essa teoria faz com que as empresas considerem os interesses de todos os seus stakeholders, então referido por Freeman (1984), os acionistas, os empregados, os fornecedores, os clientes, os financiadores e a sociedade. A teoria dos stakeholders é importante para a implementação de práticas ESG pois a partir dela se tem uma visão holística da responsabilidade corporativa.

4.2 IMPLEMENTAÇÃO NA EMPRESA

Com esse entendimento, a implementação ESG vem se tornando algo interessante de ser trabalhado em nossa realidade atual, visto que, ajuda na competitividade do setor empresarial, trazendo um diferencial e ainda obtendo uma melhor reputação e maior resiliência em meio às incertezas e vulnerabilidades, podendo-se assim dizer como Walter (2020):

“O atual movimento ambiental-social-governamental (ESG) reflete uma cascata de iniciativas de impacto destinadas a remediar os danos causados ao ambiente natural, a melhorar a justiça social e a reconfigurar o processo de governação nos sectores público e privado”. (WALTER,2020)

Os critérios ESG, está, portanto, internamente atado aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que se consubstanciam em um plano de ação, a fim de alcançar, até 2030, um mundo mais justo, solidário e sustentável, assim explica Mazon e Issa (2022). Um dos primeiros passos que se deve ter para a introdução de uma organização dentro dos padrões ESG é a introspecção corporativa, “[...] a fim de identificar quais tópicos da agenda ESG são relevantes, cabíveis e aplicáveis à realidade.” (FEROLA; PAGLIA, 2021), sendo de suma importância ter nessa análise qual a missão, visão e valores a organização tem, a fim de verificar quais os princípios desse tripé se adentram na mesma realidade da cultura da empresa, buscando assim:

“[...] definir quem são os stakeholders com quem a instituição interage, isto é, quais são os grupos de interesse, com riscos de serem afetados pelas atividades, produtos ou serviços da companhia ou de influenciarem seu programa ESG.” (FEROLA; PAGLIA, 2021, p. p. 01)

Tendo essa análise, podemos dizer como esses padrões direcionam a forma de atuação das empresas, visto que elas são o meio para a mostrar como funciona a empresa, “[...] tais políticas internas, contudo, devem verdadeiramente refletir a cultura de sustentabilidade ambiental, social e de governança corporativa que se busca para a companhia” (FEROLA; PAGLIA, 2021) de modo que não sejam fora do comum.

A questão principal, portanto, não está jungida somente à implementação de novos marcos regulatórios e instrumentos normativos nacionais e internacionais, mas, principalmente, à mudança de cultura organizacional da companhia, atuando de forma ética, transparente, em conformidade, e de acordo com um sistema de governança, integridade, gestão de riscos e de controle interno, por intermédio da efetivação de práticas anticorrupção (MAZON; ISSA, 2022).

Na abordagem social, que corresponde “a prevalência dos direitos humanos, com respeito à igualdade, ao pluralismo político e à diversidade” (MAZON; ISSA,2022) deve ser de responsabilidade da organização prevenir e mesmo abolir práticas discriminatórias que dizem respeito a dignidade da pessoa socialmente e no meio de trabalho. Para isso, deverão ser criados mecanismos e instrumento voltados à equidade:

(com políticas específicas para as mulheres, principalmente no que se refere à violência doméstica e aos assédios, moral e sexual, e para a comunidade LGBTQIA+), à igualdade racial e à inclusão social da população mais carente e vulnerável, assim como aos deficientes físicos, mentais e intelectuais, crianças (políticas de primeira infância), adolescentes, idosos, migrantes e refugiados (MAZON; ISSA,2022).

Há, ainda, um fundamento que ajuda e agrega para essa implementação, o chamado RSC, ou descrevendo a sigla “Responsabilidade Social Corporativa”, que surge, “como reflexo de um sistema econômico globalizado, onde a iniciativa privada passa a assumir, de forma estratégica, pautas socioambientais que antes eram em sua maioria delegadas unicamente ao poder do Estado” (REINALDO E PINTO, 2023). Na Responsabilidade Social Corporativa a empresa é corresponsável pelo contexto socioambiental em que está inserida e dispõe a atuação de forma intencional em duas dimensões:

“Dimensão externa: mitigação dos impactos negativos gerados pela sua atividade principal, onde a empresa minimiza ou anula os efeitos colaterais externos que a sua atividade gera. Por exemplo, compensar a emissão de gases de efeito estufa de uma fábrica por meio do plantio de árvores. É importante notar que cada empresa possui atividades e efeitos colaterais específicos; portanto, as ações de responsabilidade social corporativa podem variar de acordo com o tipo de empresa e atividade econômica; e Dimensão interna: prevê a busca da empresa por uma relação sustentável com seus colaboradores, fornecedores e clientes. Por exemplo, questões de diversidade e inclusão, saúde mental, remuneração, política de contratação de fornecedores, características do produto, entre outros.” (REINALDO; PINTO,2023)

Com essa interpretação, há uma ideia de responsabilidade social corporativa de que ela é “um meio para alcançar sustentabilidade empresarial, que pode ser definida como a orientação da gestão das empresas para a obtenção de resultados positivos em termos econômicos, sociais e ambientais” (REINALDO; PINTO,2023).

Por fim, ligado a análise de assuntos ambientais, que envolvem desafios relacionados aos desmatamentos, às queimadas, à extinção da biodiversidade, à poluição, às mudanças climáticas entre outras, Reinaldo e Pinto (2023) observa que devem ser implementadas um compromisso com a pecuária, agricultura e indústrias sustentáveis, que produzam energia limpa e renovável,

[...] com descarte adequado dos resíduos gerados, incentivando a reciclagem e o reaproveitamento dos subprodutos, e agindo em prol da integridade do sistema climático. E todas estas demandas requerem uma abordagem preventiva e proativa, com responsabilidade, uma vez que estão em jogo a

vida, a saúde e o bem-estar de toda a humanidade (REINALDO; PINTO, 2023).

Desse modo, com a visão estratégica e busca por um diferencial das empresas, a de ser proposto o monitoramento por meio de relatórios para o controle de dados a partir das etapas anteriores:

Tal relatório contribui para a consecução dos benefícios atrelados à cultura ESG, notadamente: o retorno em reputação, em valor dos ativos da instituição, em investimentos e em atração de talentos. Divulgando-se ao mercado os resultados obtidos em direção à sustentabilidade, incentivam-se ainda mais companhias a aderirem à nova perspectiva, mas sem deixar de auferir boas impressões na nova lógica de negócios. (FEROLA; PAGLIA, 2021)

Precisamente por esse monitoramento e relatórios, é possível obter um retorno dessas práticas para a empresa, há em vista índices de sustentabilidade, criadas por grandes instituições ligadas ao mercado financeiro nacional e global tais como afirma os autores Reinado e Pinto (2023), o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da B3, o *Down Jones Sustainability Index* (DJSI) e os Princípios do Equador para Instituições Financeiras, iniciativa do *International Finance Corporation* (IFC).

Trata-se de atividades a serem desenvolvidas pelas empresas em consonância com tendência global, adequadas ao contexto social específico no qual inseridas, tornando-se, na atualidade, ação que “deixa de ser compulsória e passa a ser estratégica. Estar acima das exigências legais passou a ser uma vantagem competitiva e um diferencial no mercado. Muitos consumidores estão até dispostos a pagar mais caro pelos produtos socialmente responsáveis (REINALDO; PINTO, 2023)

4.3 IMPORTÂNCIA E AS VANTAGENS DESSAS PRÁTICAS

Nota-se então que com a implementação de práticas como as que se adentrem ao ESG, faz com que quando aplicada dentro de uma empresa tornar-se um trio que consiga conter e assim diminuir possíveis riscos, bem como a busca de estratégias socialmente responsáveis e igualitárias.

“Os resultados, contudo, devem ser consequência natural de uma cultura de sustentabilidade sólida e integralmente difundida na empresa. Para garanti-los, faz-se necessário monitoramento.” (FEROLA; PAGLIA, 2021)

Por fim, o estabelecimento das empresas certificando-se de que os colaboradores estejam de acordo com as capacitações voltadas aos princípios de boas práticas ajudam a dar reconhecimento aos resultados e a contribuir com a percepção do mercado. Fazendo-se necessário tal reconhecimento a fim de incentivo à cultura ambiental, social e de governança.

4.3.1 Benefícios e incentivos fiscais de uma empresa que aplica o ESG

Esses três pilares foram cunhados em 2005 em uma publicação do Pacto Global em parceria com o Banco Mundial, chamada “Who Cares Wins” (“Ganha quem se importa”, em sua tradução), onde com uma provocação do secretário-geral da ONU Kofi Annan a 50 CEOs de grandes instituições financeiras, questionou como integrar fatores sociais, ambientais e de governança no mercado de capitais.

De acordo com Gonzales e Salzedas (2022) no presente, para as empresas com vários tipos de demandas sociais, o ESG é usado como uma medida para alinhar as empresas, pois passa a ser vantajoso a associação dela em boas colocações dos rankings de ESG com os benefícios fiscais, já que em sua maioria são fornecidos de acordo com suas ações que promovem o desenvolvimento coletivo de alguma maneira. Ainda acrescenta que o reconhecimento por boas práticas de Governança não vem apenas do governo como forma de incentivos fiscais, mas principalmente do mercado. Os retornos financeiros estão ligados de forma assertiva ao desempenho social corporativo.

Segundo Macedo et al (2022) entre os benefícios fornecidos pela implementação do ESG estão uma melhor imagem da empresa, aumento da confiança do investidor, atração e permanência de talentos e especialmente melhora na performance financeira. Mais vantagens que podem ser adquiridas são o aumento de receitas e a redução de despesas, o que colabora para uma geração maior de fluxo de caixa das empresas.

Organizações que emitem informações ligadas as condutas do ESG são melhor avaliadas, sofrem menor restrições financeiras e possuem menor custo de capital. (MACEDO et al, 2022)

O Comitê de Pronunciamentos Contábeis estabelece que quaisquer modalidades de incentivo somente serão reconhecidas por meio de “razoável

segurança de que a entidade cumprirá todas as condições estabelecidas e relacionadas à subvenção e de que ela será recebida”. (COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS, 2010)

4.3.2 Relação das empresas que adotam o ESG com a bolsa de valores

Cunha e Samanez (2012) proporcionam uma análise histórica dos Índices de Sustentabilidade (IS), destacando que, apesar de o debate sobre o tema ser anterior, esses índices foram introduzidos no mercado acionário pela primeira vez em 1990, com o lançamento do Domini 400 Social Index (DSI). A criação desses índices é conduzida tanto por bolsas de valores quanto por empresas privadas especializadas na prestação de serviços financeiros. O mercado “verde” experimentou uma expansão significativa, e, nos anos de 2004 e 2005, foram desenvolvidos os primeiros IS em países emergentes.

Friede, Busch e Bassen (2015) realizaram uma pesquisa cuja análise do artigo busca verificar a performance de ativos ESG no mercado financeiro baseado em 60 estudos. Com base na análise desse conjunto de dados, sendo os mais abrangentes sobre pesquisa ESG já realizados, os autores concluíram que o caso de negócios para investimentos ESG é solidamente fundamentado, evidenciando benefícios financeiros. Além disso, destacaram que o impacto positivo do ESG no desempenho financeiro corporativo se mantém estável ao longo do tempo.

Conforme Ungaretti (2020) ESG na análise de empresas possibilita a inclusão de questões que, além de serem essenciais para o bem-estar social, a preservação do planeta e a construção de um mundo mais sustentável, influenciam diretamente os resultados financeiros das organizações. As empresas que priorizam questões ambientais, sociais e de governança tendem a se destacar como as mais bem-sucedidas no mercado.

“Laurence D. Fink (2020), fundador, Chairman e CEO da BlackRock, Inc., maior gestora de recursos do mundo com incríveis 7,2 trilhões de dólares sob gestão, escreve em sua carta anual destinada aos CEOs de todas empresas do mundo. Nela, faz um apelo pela transparência e adesão de ações que convirjam com o melhor patamar ESG, informando que os investidores estão,

cada vez mais, cuidando das questões ambientais e climáticas no momento de decidir suas aplicações.” (PFITSCHER, 2021)

4.4 COMO AS EMPRESAS PODEM IMPACTAR COM O ESG

Conforme pesquisado por Silva (2023), a sustentabilidade empresarial e o ESG possuem diversas semelhanças, mas obtêm também diferenças consideráveis. Como por exemplo, a sustentabilidade empresarial é mais ampla, já o ESG é focado em um agrupamento de critérios que pode ser utilizado por organizações, baseado em três pilares:

4.4.1 Impacto Ambiental

O comprometimento com a questão do pilar E (Environmental), ocorreu após a era industrial, gerando preocupação global com as mudanças ambientais que vem se destacando cada vez mais com o passar do tempo, agregando em vários acordos, tratados, normas e diretrizes para o controle do meio ambiente. (SIQUEIRA, 2021)

O ESG retrata o impacto de uma empresa no meio ambiente, incluindo complicações como a poluição (emissões de carbono, produtos químicos e metais tóxicos, embalagens e outros resíduos), a utilização de recursos naturais (água, terra, árvores) e as decorrências para a biodiversidade (a variedade de vida na Terra), assim como a tentativa de diminuir o nosso rastro de destruição ambiental (eficiência energética, agricultura sustentável, edifícios verdes). (HABITABILITY, 2022)

4.4.2 Impacto Social

A um dever social, que indica fatores que impactam as pessoas, tanto como funcionários quanto clientes ou sociedade no geral. O ESG abrange assuntos como segurança e saúde, compreendendo também referências de trabalho e bem-estar para os seus funcionários. (HABITABILITY, 2022)

De acordo com Siqueira (2021), o pilar S (Social) do ESG, mostra a importância das estratégias e modelo de negócios das empresas estarem alinhados, para impacto no meio social. Medidores sociais ajudam a compreender em que lugares podem existir carências em relação aos direitos humanos, trabalhistas, com a comunidade e com o público, incluindo o cuidado com os fornecedores e parceiros de negócios.

4.4.3 Impacto Governamental

O pilar G de “Governance” trata sobre a Governança Corporativa, podemos determinar os resultados que a empresa pode obter nos pilares “S” e “E” conforme ela é dirigida. Sendo assim a responsabilidade corporativa propicia uma base para guiar as boas práticas atreladas a responsabilidade social e ambiental, carregando uma grande importância. (SIQUEIRA, 2021)

Dentro dos princípios da governança, administrar os negócios da empresa de modo responsável é o que rege todas as outras funções. Ela traz em conta as condições éticas que um bom cidadão corporativo deve ter, como a transparência tributária e políticas anticorrupção, além de preocupações habituais de governança corporativa, necessidade de gerenciar o embate de interesse, independência e diversidade do conselho, eficiência dos anúncios financeiros e análises sobre tratamento justo entre acionistas minoritários e analistas controladores. (HABITABILITY, 2022).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da adoção de práticas ESG, é notável que as organizações têm gerado impactos positivos, conforme as entrevistas realizadas com as duas empresas que adotam práticas ESG (Environmental, Social and Governance), nosso objetivo principal deste estudo foi analisar os benefícios dessa prática dentro das organizações e seu impacto social. Elas foram conduzidas pelos integrantes deste estudo, com o Felipe Baumgart representante da Rumo e a Camila Bueno representante da Zurich, ambas reconhecidas por suas iniciativas sustentáveis e responsabilidade social. A análise dos dados coletados permite uma compreensão mais profunda de como as práticas ESG influenciam não apenas na eficiência e a imagem da empresa, mas também o bem-estar dos colaboradores e Stakeholders em que estão inseridas. As entrevistas foram realizadas de maneira digital, via Teams, baseando-se nas perguntas que podem ser vistas, no apêndice A e B.

A análise das respostas obtidas na entrevista, indicou que relacionado a implementação das práticas de ESG na Rumo ocorreu de forma gradual, a partir de uma pressão dos principais acionistas, o que foi determinante para a adoção dessas

práticas. Embora a empresa já tenha iniciado ações sustentáveis desde a sua abertura ao mercado, foi a partir de 2019 que a organização formalizou um compromisso maior com o tema. Já na Zurich, a adoção dessas práticas foi de maneira muito natural, iniciou em 2013 com a implantação do programa de voluntariado e responsabilidade social corporativa. Em 2017 começou a ter mais práticas voltadas a diversidade e inclusão, juntamente com a redução de plásticos no escritório e em 2019 estabeleceu uma governança focada no tema, com a criação de 4 grupos de trabalho, onde as áreas começaram a incluir a sustentabilidade no dia a dia.

Podemos analisar para ambas as empresas, que essa transição não representou uma mudança radical, mas uma evolução significativa. Vemos que ao passar dos anos, empresas que adotam essas práticas obtêm grandes marcos, como em 2020, a Rumo obteve o título verde, que é um reconhecimento voltado para a redução de emissões e a Zurich desenvolveu uma certificação específica para oficinas, denominada Oficina Selo Verde, onde as oficinas mecânicas referenciadas são incentivadas a adotarem práticas sustentáveis em seus processos internos, como separação e destinação correta de resíduos, promoção da saúde e bem-estar dos colaboradores, dentre outros.

Na Rumo, é abordado que isso não só ajudou a melhorar a imagem da empresa frente aos investidores e ao mercado, mas também trouxe benefícios financeiros, como a redução do custo de captação de recursos. À medida que novas ferramentas como relatórios de sustentabilidade social e ambiental, foram sendo incorporadas, práticas de governança começaram a ser mais ativamente discutidas com a alta liderança sendo envolvidas no processo. No lado social, a Camila Bueno da Zurich aborda que a sua organização na área de responsabilidade social atua com as leis de incentivo e a doação direta, explica que "todos os projetos que apoiamos são avaliados de forma criteriosa para verificar a conexão com a nossa estratégia." além disso, outro investimento que a Zurich aplica é o de conhecimento, buscando trazer treinamentos voltados para a sustentabilidade.

Podemos observar que há duas visões bem parecidas em relação as alterações observadas bem como seus impactos positivos, uma com a crescente conscientização sobre as emissões de carbono, um dos maiores temas materiais que a Rumo trabalha e o bem-estar do funcionário, com a motivação e atratividade da marca, por exemplo

com o lado social da Zurich, que aborda sua evolução do voluntariado que começou lá em 2013, e hoje alcançando 400 horas a mais da meta estabelecida registradas na My Impact (plataforma interna em que são cadastradas todas as atividades de voluntariado e doações), mostrando como as pessoas estão cada vez mais engajadas a se voluntariando a pelo menos uma atividade durante o ano, o que responde aos seus impactos do quanto as pessoas se sentem pertencentes e motivadas.

A Rumo, apesar de ser uma grande emissora de CO2 devido ao uso de diesel em suas locomotivas, já se beneficiava das vantagens do transporte ferroviário, que, comparado ao rodoviário, tem menor impacto ambiental. A busca pelo título verde foi um exemplo claro de como a empresa começou a alinhar suas ações com as expectativas do mercado, refletindo o foco nas questões ambientais.

Além disso, a questão de governança é muito importante para saber o que os grupos estão fazendo e se eles estão conseguindo ir atrás das iniciativas para o mercado, um exemplo que a representante da Zurich mostra é a construção de um painel de indicador interno no Power BI da empresa, com indicadores prioritários de cada grupo de trabalho que eram reportados bimestralmente ao Comex e para outras pessoas que participavam da reunião executiva. Nessa reunião os indicadores são apresentados de forma que toda a empresa tenha a visão de como os grupos estão trabalhando para o atendimento das metas e iniciativas.

Os resultados positivos da adoção de práticas de ESG são claros, a Rumo conseguiu aumentar sua atratividade junto aos investidores o que se reflete diretamente no mercado financeiro e a visibilidade positiva nas esferas de credores, investidores e comunidade, o que gera melhores condições de operação e amplifica a reputação dela. Além disso, a sustentabilidade na Zurich é presente em sua cultura não só no Brasil, mas com os pilares de sustentabilidade do global (pessoas, planeta e clientes) a empresa busca conectá-los com todas as suas iniciativas, acredita que a Sustentabilidade e o ESG estão no DNA da Zurich, mostrando que a empresa não compactua com a prática de *Greenwashing*, um tipo de marketing que se traduz para “maquiagem verde”, pode ser exemplificado por marcas que tentam mascarar seus negócios trazendo a aparência de sustentável.

As ações de sustentabilidade, com o foco em saúde e bem-estar dos colaboradores e a preocupação com o impacto social em comunidades ao longo das

linhas ferroviárias, ajudam a melhorar o ambiente interno da empresa e a motivação dos empregados. A atuação proativa do tema dentro da companhia gera benefícios tangíveis a essas empresas, como na Zurich que em 2019 tinha apenas 4 grupos de trabalho e esse ano se encontra com 15 grupos, ou seja, praticamente todas as áreas da empresa está falando de sustentabilidade. Na Rumo na questão de bem-estar se tem a licença social para operar, essencial para garantir a continuidade das atividades em regiões mais sensíveis.

Entretanto, os impactos negativos ou algumas “barreiras” não são inexistentes, a implementação traz desafios, em nossas entrevistas conseguimos examinar que o maior obstáculo se trata de uma consciência organizacional sobre a importância dessas práticas. Inicialmente, as ações eram vistas como tarefas adicionais e assim como a Rumo, a Zurich mostra que uma característica das pessoas no início é serem resistentes em entender que isso faz parte do dia a dia e que não é um a mais, ainda que se tenha pessoas abertas, outras podem influenciar de forma negativa a criação de uma nova cultura organizacional.

A distinção entre ESG e sustentabilidade no contexto da organização é importante, pois a sustentabilidade é vista como um conceito mais amplo, enquanto o ESG tem uma visão específica que envolve não apenas responder a uma demanda crescente por responsabilidade socioambiental, mas também resulta em benefícios financeiros e operacionais, com impactos diretos na capacidade da empresa de atrair investidores e obter crédito. Podemos observar que ambos os conceitos são separados, a Rumo tem trabalhado para alinhar esses dois conceitos, com o objetivo de garantir que suas práticas sustentáveis atendam a todos os aspectos da operação, desde a melhoria das condições de trabalho até a responsabilidade ambiental.

No que se diz respeito a supervisão das práticas ESG, a Zurich possui uma gerência de sustentabilidade e responsabilidade social corporativa que faz toda a governança dos processos, bem como o controle ao atendimento dos requisitos da Circular 666 da SUSEP, que olha para os riscos de sustentabilidade, onde possui algumas obrigações como a publicação de uma política de sustentabilidade, realização de estudo de materialidade de riscos sustentáveis. Além da circular 666, a Zurich atende a todas as legislações aplicáveis ao seu negócio, como por exemplos as Normas Reguladoras de Segurança do Trabalho. Na Rumo a supervisão

ocorre pela área de Meio Ambiente, Responsabilidade Social e Sustentabilidade, onde estas áreas coordenam diversas iniciativas, além de garantir que os compromissos com sustentabilidade sejam cumpridos, com comitês internos que discutem e monitoram as práticas ESG, incluindo um comitê estratégico e de sustentabilidade que se reúne trimestralmente, com acompanhamento da alta liderança e do conselho da empresa.

Em suma, com esses pontos podemos destacar como a integração das práticas ESG é essencial para o sucesso financeiro e a sustentabilidade no longo prazo da empresa, refletindo uma mudança que está se consolidando no mercado. À medida que as organizações conseguiram integrar o ESG nas diversas camadas da empresa e vinculou os benefícios dessas práticas à rentabilidade e ao retorno de longo prazo, a resistência foi diminuindo e a percepção sobre essas iniciativas mudou, passando a ser encaradas como estratégias essenciais para a sustentabilidade da empresa de maneira que a compreensão dos benefícios sociais, econômicos e ambientais cresceu.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante todas as pesquisas realizadas juntamente com os resultados obtidos nas entrevistas, torna-se evidente a relevância crescente das práticas ESG como pilares fundamentais para a transformação das organizações em agentes mais responsáveis e alinhados às demandas sociais e ambientais contemporâneas. A adoção dessas práticas não apenas contribui para a sustentabilidade ambiental e social, mas também oferece vantagens estratégicas, como maior atratividade para investidores, fortalecimento da reputação corporativa e melhoria da eficiência operacional, bem como o pertencimento dos colaboradores.

Os resultados obtidos demonstram que empresas que integram os princípios ESG em sua gestão são capazes de alcançar resiliência e competitividade no longo prazo, equilibrando interesses econômicos com a preservação do meio ambiente e a promoção do bem-estar social. Entretanto, o estudo também revela desafios significativos na implementação dessas práticas, especialmente no que tange à

necessidade de conscientização organizacional, superação de resistências internas e adequação às exigências do mercado e da sociedade.

Com base nas análises realizadas e nos dados coletados, conclui-se que as práticas ESG representam uma estratégia indispensável para empresas que desejam ser sustentáveis e se posicionar como líderes em um mercado cada vez mais orientado por valores éticos, sustentabilidade e transparência. Assim, a continuidade no investimento em ESG, aliada ao monitoramento e à adaptação às novas exigências, será essencial para garantir o sucesso das organizações e o impacto positivo duradouro na sociedade e no meio ambiente, mostrando a importância de se preocupar com as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ABOU-JAOUDE, Naïm. Eis por que não devemos perder de vista a importância do ESG, apesar da recente reação negativa. **World Economic Forum**, [S. l.], 3 jan. 2023. Disponível em: <https://www.weforum.org/stories/2023/01/the-importance-of-esg-sustainable-future-davos-2023/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

ARAÚJO, Carlos. Filantropia: breve histórico e análise comparativa. Brasil, 27 nov. 2015. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/230642/filantropia--breve-historico-e-analise-comparativa>. Acesso em: 25 abr. 2024.

AVILA, Rafael. **Triple Bottom Line**:: O Tripé da Sustentabilidade. [S. l.], 15 mar. 2021. Disponível em: <https://sustentabilidadeagora.com.br/tripe-da-sustentabilidade-triple-bottom-line/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. CPC 07 (R1): Subvenção e Assistência Governamentais. Disponível em: http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/167_CPC_07_R1_rev%2012.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

CUNHA, F.A.F.S.; SAMANEZ, C.P. Análise de desempenho dos investimentos sustentáveis no mercado acionário brasileiro. Outubro, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/4f44NwcXNqQLXNvdNFVxZ8G/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FEROLA, Bruno Galvão; PAGLIA, Lucas Barbosa. ESG: primeiros passos, em especial para empresas públicas. **Revista Latino-Americana de Governança**, [S. l.], p. 01-05, 22 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaregov.org/revista/article/view/27/41>. Acesso em: 21 mar. 2024.

FINK, L. D. Carta do Larry Fink aos CEOs. 2020. Disponível em: <https://www.blackrock.com/corporate/investor-relations/larry-fink-annual-chairmans-letter>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FREEMAN, R. Edward. Strategic Management: A Stakeholder Approach . **Cambridge university press**, 1984. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=NpmA_qEiOpkC&oi=fnd&pg=PR5&dq=Strategic+Management:+A+Stakeholder+Approach.+London:+Pitman,+1984.&ots=62ehH6S8SM&sig=oeEHq4yvXVS5rID6y5TZxsY2K94#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 23 nov. 2024.

FREURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sergio R. C. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. Brasil, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/apgvpesquisa/article/download/72796/69984>. Acesso em: 2 maio 2024.

FRIEDE, G.; BUSCH, T.; BASSEN, A. ESG and financial performance: aggregated evidence from more than 2000 empirical studies. *Journal of Sustainable Finance & Investment*, v. 5, n. 4. 2015. Acesso em: 15 nov. 2024.

FROEHLICH, Cristiane; BITENCOURT, Claudia Cristina. Sustentabilidade Empresarial: Um Estudo de Caso na Empresa Arteccla. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 55–71, 2016. DOI: 10.5585/geas.v5i3.332. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/geas/article/view/10012>. Acesso em: 2 maio. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. Brasil: Editora UFRGS, 2009. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=dRuzRyElzmkC&oi=fnd&pg=PA9&dq=o+que+%C3%A9+pesquisa+explicativa%3F&ots=94PaVZqsIB&sig=sHBNbX6L5pcFXhNBZjMEqicJWkc&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 2 maio 2024.

GOMES, Adryelle. A imunidade e a isenção de impostos às Entidades Sem Fins Lucrativos. Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-imunidade-e-a-isencao-de-impostos-as-entidades-sem-fins-lucrativos/294191011/amp>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GONZALES, Alexandre; SALZEDAS, Laura Fernandes. Benefícios Fiscais e Governança Corporativa: Como uma empresa destaque em ESG no Brasil evidencia e reconhece os incentivos: Uma análise da Natura SA. 2022. Disponível em: <https://repositorio.insper.edu.br/handle/11224/5648> Acesso em: 20 mar. 2024.

HABITABILITY (Brasil). Redação. Entenda o que é ESG e por que ele é muito mais que uma sigla: Impacto positivo. *In: Entenda o que é ESG e por que ele é muito mais que uma sigla*: Impacto positivo. Brasil: Redação, 7 jan. 2022. Disponível em: <https://habitability.com.br/entenda-o-que-e-esg-e-por-que-ele-e-muito-mais-que-uma-sigla/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

IRIGARAY, Prof. Hélio; STOCKER, Prof. Fabrício. ESG: novo conceito para velhos problemas. Caderno EBAPE.br, [S. l.], p. p 1-4, 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/YKyfRmPDHhtGm3LG8jW6DQM/#>. Acesso em: 29 abr. 2024.

ISSA, Rafael Hamze; MAZON, Cassiano. Adoção e Implementação das Práticas ESG (Environmental, Social and Governance) pelas Empresas Estatais. **Cadernos**, [S.l.], v. 1, n. 8, p. 35-52, jan. 2022. ISSN 2595-2412. Disponível em: <<https://www.tce.sp.gov.br/epcp/cadernos/index.php/CM/article/view/178>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

JOHN Elkington:: Conheça o pai da sustentabilidade. [S. l.]. Disponível em: <https://meiosustentavel.com.br/john-elkington/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. 2007. ed. Florianópolis/SC: Revista Katálysis, 3 abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 maio 2024.

MACEDO, P. de S.; ROCHA, P. S.; ROCHA, E. T.; TAVARES, G. F.; JUCÁ, M. N. O Impacto do ESG no Valor e Custo de Capital das Empresas. **Contabilidade Gestão e Governança**, Brasília-DF, v. 25, n. 2, p. 159–175, 2022. DOI: 10.51341/cgg.v25i2.2802. Disponível em: <https://revistacgg.org/index.php/contabil/article/view/2802>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MORESI, Eduardo. Metodologia da Pesquisa. Brasília/DF, Março 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/312058925/Metodologia-Pesquisa-de-Moresi2003-Livro>. Acesso em: 2 maio 2024.

PACTO GLOBAL DA ONU. **ESG**: Entenda o significado da sigla ESG (Ambiental, Social e Governança) e saiba como inserir esses princípios no dia a dia de sua empresa. [S. l.], {2024}. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/esg/#:~:text=O%20termo%20foi%20cunhado%20em,governan%C3%A7a%20no%20mercado%20de%20capitais>. Acesso em: 21 mar. 2024.

PFITSCHER, Guilherme da Costa. O impacto nos preços das ações classificadas como “ESG” na bolsa de valores de São Paulo frente ao seu benchmark nos últimos 10 anos. 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234563>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PIANA, Maria Cristina. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. **Editora UNESP**, [S. l.], p. 168-210, 25 abr. 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830%20389-06.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2024.

PORTER, Michael E.; KRAMER, Mark R. **Criação de valor compartilhado**. [S. l.], 6 jan. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/DELL/Downloads/Porter\(2011\)%20Harvard%20Business%20Review.pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/Porter(2011)%20Harvard%20Business%20Review.pdf). Acesso em: 15 nov. 2024.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA: ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL E OS DESAFIOS PARA REDIGIR O TRABALHO DE CONCLUSÃO**, [S. l.], p. 72-87, jan- jun. 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (Brasil). Jus Brasil. Constituição Federal: CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. [S. l.], 31 dez. 1987. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1503907193/constituicao-federal-constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988>. Acesso em: 20 mar. 2024.

REDECKER, Ana Cláudia; TRINDADE, Luiza de Medeiros. PRÁTICAS DE ESG EM SOCIEDADES ANÔNIMAS DE CAPITAL ABERTO:: UM DIÁLOGO ENTRE A FUNÇÃO SOCIAL INSTITUÍDA PELA LEI N°6.404/76 E A GERAÇÃO DE VALOR. **PRÁTICAS DE ESG EM SOCIEDADES ANÔNIMAS DE CAPITAL ABERTO**, [s. l.], 2021. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/2/2021_02_0059_0125.pdf. Acesso em: 21 mar. 2024.

REINALDO, CM.; PINTO, FR. Análise de conteúdo na inflexão do contexto social em Investimento Social Privado (PSI), Responsabilidade Social Corporativa (RSC) e Governança Social e Ambiental (ESG). **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 12, n. 14, p. e26121444379, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i14.44379. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/44379>. Acesso em: 24 nov. 2024.

SANTANA, Wallace Pereira; LEMOS, Glen César. METODOLOGIA CIENTÍFICA: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica**

Ensino Interdisciplinar, [S. l.], v. 4, n. 12, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEL/article/view/1710>. Acesso em: 23 nov. 2024.

SILVA, F. C. N. S. e . Sustentabilidade empresarial e ESG: uma distinção imperativa. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 247–258, 2023. DOI: 10.7769/gesec.v14i1.1510. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1510>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SILVA, Patrick Vasconcelos da. Direito Tributário e Filantropia: Um estudo além das imunidades. 2022. 152f. Dissertação (Mestrado em Direito)—Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/18665> . Acesso em 20 mar. 2024.

SIQUEIRA, Camilla Lacerda. Governança corporativa e fator ESG como meios para o impacto social e ambiental no setor empresarial. 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236432/001138679.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 21 mar. 2024.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA:: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. **Cadernos da Fucamp**, [S. l.], v. 20, n. 43, p. 9-9, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 23 nov. 2024.

UNGARETTI, M. ESG de A a Z: Tudo o que você precisa saber sobre o tema. Setembro, 2020. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/esg/esg-de-a-a-z-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-tema/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

VEIGA, José Eli da. Pilares da sustentabilidade é ideia crescente nos meios empresariais. **JORNAL DA USP**, [S. l.], 6 ago. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/pilares-da-sustentabilidade-e-ideia-crescente-nos-meios-empresariais/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

WALTER, Ingo. **Senso e absurdo nas classificações ESG**. Vol. 5. ed. [S. l.], 11 nov. 2020. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3696718#. Acesso em: 21 mar. 2024.

WCED. Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future **Towards Sustainable Development 2. Part II**. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2024.

APÊNDICE A

Entrevista sobre ESG com o Felipe Baumgart representante da Rumo.

1. Qual foi o momento em que a empresa começou a implementar os métodos relacionados ao ESG?

Desde 2019, a Rumo elabora relatórios de sustentabilidade e estabelece compromissos nesse âmbito, refletindo o perfil da Cosan, seu principal acionista. Impulsionada por demandas internas e pressões externas, como por exemplo a CVM (Comissão de Valores Mobiliários), e ISE B3 (Índice de Sustentabilidade Empresarial, a empresa tem adotado práticas seguras alinhadas às exigências do mercado, que até então eram práticas que não eram conhecidas e vem evoluindo ao longo do tempo. A partir de 2018 e 2019, a Rumo iniciou uma evolução contínua nessa área, implementando inventários de gases de efeito estufa, criando institutos e publicando relatórios que demonstram seu progresso. Por ser uma empresa de capital aberto, a Rumo também atende às regulamentações e expectativas de seus acionistas, especialmente no contexto do grupo Cosan. Esse cenário marcou o início da estruturação das práticas ESG e sustentabilidade dentro da Rumo.

2. Havia práticas de ESG já estabelecidas anteriormente, ou a implementação representou uma mudança mais radical?

A Rumo vem apresentando uma evolução significativa desde 2019, período no qual se tem registro histórico dessa trajetória. Nesse intervalo, a empresa tem adotado novas ferramentas alinhadas às tendências do mercado, como relatórios de sustentabilidade e relatórios sociais. Em 2020, destacou-se uma preocupação específica em obter títulos verdes, vinculados à redução de emissões, com metas determinadas até 2030.

Nos últimos anos, houve uma mudança expressiva na governança ESG, área em que atua diretamente. A governança passou a ser estruturada de maneira mais eficiente, com a criação de fóruns e espaços dedicados à discussão sobre sustentabilidade, o que possibilitou uma maior integração da alta liderança com o tema. Ao estabelecer agendas trimestrais predefinidas para reuniões com a alta administração, conseguimos garantir sessões de aproximadamente uma hora e meia para tratar de

sustentabilidade, com boa receptividade por parte dos líderes. Embora não tenha sido uma mudança radical, essa prática representou uma melhoria substancial.

Um exemplo desse avanço é a nossa adesão ao TCFD (Task Force on Climate-Related Financial Disclosures), uma organização global voltada para desenvolver recomendações de divulgação relacionadas ao clima para empresas e instituições financeiras, fornecendo informações mais precisas aos investidores e ao público sobre riscos financeiros. Recentemente, também falamos sobre integrar o índice Dow Jones de sustentabilidade. Buscamos constantemente o aprimoramento, uma vez que somos regularmente submetidos a questionários detalhados para avaliação de nossas práticas e desempenho.

Nos últimos 12 meses, esse progresso tem sido ainda mais acelerado devido à maior proximidade com a alta liderança, o que impulsionou as iniciativas de sustentabilidade. Existe, além disso, uma pressão interna dentro do grupo Cosan, onde o desempenho de uma empresa em práticas sustentáveis estimula demais a busca em padrões semelhantes. Essa dinâmica contribui para uma busca constante por melhores práticas dentro do grupo, com a própria Cosan incentivando melhorias contínuas nesse sentido.

Houve também avanços significativos nos controles e na abordagem de temas que antes não receberam tanta atenção. A perspectiva atual vai além das áreas Financeira e de Compliance. Hoje, há uma preocupação crescente com os benefícios proporcionados pelas práticas de sustentabilidade e com uma atuação mais proativa na implementação de melhorias. Não se trata apenas de cumprimento de critérios regulatórios, mas de promoção de iniciativas que agreguem valor nas melhorias de sustentabilidade.

Essas melhorias foram sendo renovadas gradualmente, à medida que as práticas ESG se consolidassem na empresa. Com o surgimento de novos índices e referências no mercado financeiro, como Dow Jones e CDP, a Rumo tem se aprimorado continuamente, integrando essas exigências às suas operações e evoluindo de maneira consistente em sua jornada.

3. Quais foram as primeiras alterações observadas na implementação das práticas de ESG?

No início, quando começamos a abordar o tema, trouxemos diversas práticas de mercado já consolidadas. Um exemplo é a obtenção do título verde, que surgiu em um momento em que esse conceito estava ganhando destaque. Na época, já possuíamos o nosso inventário de carbono. Ao considerarmos os temas materiais para a Rumo, as emissões se destacam como um dos principais pontos de atenção, por sua relevância e impacto.

O transporte ferroviário, por sua natureza, oferece vantagens em relação às emissões quando comparado ao transporte rodoviário por caminhões. Embora ainda sejamos grandes emissores devido ao uso de diesel pelos trens, temos um desempenho mais eficiente do que o transporte rodoviário em termos de infraestrutura, logística no contexto nacional. Quando as discussões sobre ESG surgiram, surgiu uma pressão significativa para que focássemos na questão das emissões. A busca pelo título verde não foi apenas uma resposta a essa pressão, mas também uma estratégia vantajosa, vista que proporciona melhores condições financeiras, como taxas de juros, a captação de recursos ocorre com custos financeiros reduzidos.

Além disso, existe uma pressão interna dentro do grupo Cosan. Quando uma das empresas do grupo adota práticas sustentáveis e alcança determinados padrões de excelência, demais são incentivadas a seguir o mesmo caminho. Isso cria um ambiente de busca contínua por melhores práticas e maior eficiência em sustentabilidade. A própria Cosan exerce um papel ativo nesse processo, cobrando e incentivando a evolução.

Do ponto de vista de gestão e governança, essas iniciativas não representam rupturas negativas. Pelo contrário, trouxeram melhorias significativas nos controles e no foco sobre temas que antes não recebiam tanta atenção. Houve uma ampliação da perspectiva, que passou além das operações financeiras e das exigências de compliance. Atualmente, temos uma preocupação muito maior com os benefícios que essas práticas preveniram e com a adoção de uma postura mais proativa nas melhorias de sustentabilidade.

Essa mudança de abordagem levou tempo para se consolidar. As melhorias surgiram gradualmente, à medida que incorporamos práticas ESG e surgiram a participação de índices como o Dow Jones e o CDP (Carbon Disclosure Project). À medida que novas práticas surgiram no mercado financeiro e buscamos implementá-las, aprimoramos nossos processos naturalmente.

4. Quais desafios foram enfrentados durante o processo de implementação do ESG?

Considerando que um dos maiores desafios que enfrentamos atualmente, e que estamos buscando superar por meio de toda a governança que estamos implementando, é a criação de uma conscientização em toda a empresa sobre a importância dessa abordagem. Isso é algo particularmente comum, especialmente no início. Por exemplo, ao tratar de emissões, focamos apenas na operação, conversando apenas com os responsáveis pelo controle do diesel, e isso se torna o suficiente. Da mesma forma, ao falar sobre resíduos, nos limitamos a dialogar apenas com a pessoa responsável por essa área.

Contudo, essa abordagem restrita ao conhecimento de áreas específicas impede uma compreensão global, tanto nas camadas mais altas da liderança quanto na base. O maior desafio, portanto, é integrar todo o conhecimento e fazer com que a importância desse trabalho seja reconhecida por todos. Se não conseguirmos isso, corremos o risco de sermos apenas mais uma pessoa solicitando informações periodicamente, sem agregar valor ou transmitir a relevância e o propósito por trás de nossas ações. Quando envolver todos na conversa, é possível que até mesmo alguém do setor comercial, ao ouvir sobre as iniciativas de redução de emissões e responsabilidade social, comece a perceber o valor dessas ações e a utilizá-las de forma diferente. Isso pode parecer um conflito, por exemplo, com a operação que busca eficiência e contenção de custos, enquanto nossas iniciativas podem exigir um investimento maior. No entanto, é fundamental que as pessoas compreendam a importância dessa preocupação, pois ela gera benefícios como ganhos, valorização da marca no mercado e alinhamento com as expectativas dos investidores. A principal dificuldade, então, é garantir que todos compreendam o propósito dessa ação e reconheçam sua importância. Caso contrário, essa discussão pode se limitar a uma disputa orçamentária, e se a alta liderança não entender a relevância desse trabalho, a aprovação do orçamento se torna um grande obstáculo. Em um cenário assim, você estará sempre lidando com os problemas à medida que surgirem, atuando para corrigi-los, e talvez isso se torne relevante. No entanto, a verdadeira mudança ocorre quando conseguimos fazer com que todos entendam essa importância. É nesse ponto que conseguimos adotar uma abordagem mais proativa, o que, na minha visão, é o

principal da sustentabilidade: antecipar riscos futuros ou potenciais, que vão além das questões operacionais da empresa.

Ao tratarmos de temas materiais, como segurança, por exemplo, é notável que esse é um valor central da empresa, dado que está diretamente relacionado à operação de grandes ativos, como locomotivas e trens, e qualquer acidente pode ter consequências catastróficas. Portanto, a segurança sempre foi uma prioridade dentro da empresa. Já o relacionamento com as comunidades, embora antes fosse visto como um simples atendimento ao compliance, tem evoluído para uma abordagem mais ativa. Hoje, apresentamos demonstrando que, ao focarmos nas comunidades críticas ao longo de nosso percurso, garantimos a licença social para operar e prevenir problemas futuros, adotando uma abordagem mais voltada para a prevenção, em vez de apenas corrigir problemas quando eles surgirem.

Vejo que esse é um dos maiores desafios, além do propósito, pois é fácil para as pessoas enfrentarem isso como um trabalho ou custo adicional. Por isso, é fundamental conseguir convencer todos na empresa sobre a sua importância.

5. Quais impactos positivos podem ser atribuídos à adoção de práticas de ESG?

A atratividade sob a ótica dos investidores, do mercado e dos credores, que está diretamente relacionada ao ESG, envolve uma capacidade de demonstrar a gestão de riscos e a rentabilidade. Acredito que isso adquire uma força especial, especialmente ao se associar a questões de preocupação social e ambiental, além de trazer um aspecto motivacional. Quando conseguimos implementar uma ação de sustentabilidade, seja em aspectos sociais ou ambientais, como, por exemplo, no cuidado com a saúde e o bem-estar dos funcionários, isso contribui para melhorar a motivação interna e também aumenta a atratividade da marca. Assim, ganhamos com uma abordagem integrada que abrange todos esses aspectos, e esses são os ganhos. O transporte ferroviário, por sua natureza histórica, já carrega um certo orgulho, especialmente no contexto de trabalho com trens. No entanto, é importante também destacar outros aspectos. Por exemplo, no projeto que estamos desenvolvendo em Mato Grosso, um dos principais pontos que estamos enfatizando é o quanto a introdução de uma ferrovia em uma nova localidade pode contribuir para o desenvolvimento daquela região. Isso inclui desde o fortalecimento da rede de fornecedores até o aquecimento do comércio local. No caso específico do transporte

de grãos, a ferrovia é o meio mais seguro e eficiente, contribuindo significativamente para o desenvolvimento regional. Ao observar a realidade atual em Mato Grosso, parece até algo saído de filmes antigos, como a chegada do trem nos Estados Unidos, cruzando o país e trazendo desenvolvimento. Esse é o papel da ferrovia: promover o progresso, criar novas oportunidades e, ao fazer isso, apoiar a sustentabilidade. Isso também impacta positivamente a marca empregadora, gera orgulho e contribui para outras ações que, no contexto atual, são de grande relevância. Quando falamos de recursos humanos, é importante destacar todos esses impactos, pois, atualmente, a vida de todos é muito agitada, com estresse proveniente de vários fatores, tanto dentro quanto fora do ambiente de trabalho. É possível que algumas pessoas considerem esses pontos irrelevantes, especialmente em um mundo polarizado como o nosso, mas prefiro adotar uma visão positiva nesse sentido. Isso não só ajuda a melhorar o clima interno, mas também fortalece o relacionamento com as comunidades, o que é o principal objetivo que buscamos alcançar com a sustentabilidade: a licença social para operar.

6. Quais foram os impactos negativos associados à implementação do ESG?

Quando abordamos o impacto de uma iniciativa, ele traz muitos benefícios, mas também implica um aumento de trabalho para as pessoas envolvidas. Quando pensamos em impactos a curto prazo, estamos trazendo uma nova agenda, o que resulta em novas demandas para gestores e outros colaboradores internos. Esse aumento de responsabilidades, em um primeiro momento, pode gerar resistência, seja devido ao acréscimo de tarefas, à discordância com as propostas ou à percepção de que tais ações são desnecessárias. Assim, nesse estágio inicial, é possível que surja resistência e até mesmo conflitos.

O que consigo refletir sobre isso é que nunca se gastará recursos com sustentabilidade de forma que não seja possível demonstrar que isso traz um retorno. Portanto, não é possível afirmar que estamos apenas gastando dinheiro sem justificativa. Tudo o que estamos investindo é, na realidade, um investimento, e não um fundo perdido.

Não posso afirmar que o aumento de despesas não ocorrerá; de fato, haverá custos adicionais. Contudo, esses gastos são feitos por uma boa causa: para mitigar riscos, evitar impactos negativos e para atender o compliance. Ou seja, cada investimento

tem um propósito claro, e não podemos tratar isso como algo negativo. Veja dessa forma: inicialmente, pode haver um aumento de trabalho, o que pode gerar algum conflito e resistência. Naturalmente, isso pode ocasionar, em alguns casos, turnover, já que alguns colaboradores podem não concordar com as mudanças propostas. No entanto, esse tipo de ocorrência faz parte do processo de adaptação e evolução dentro de qualquer organização ou ambiente de trabalho.

É análogo à implementação de melhorias contínuas, à introdução de práticas de qualidade ou à modernização de sistemas. Enxergo esse desafio como um aspecto natural de qualquer melhoria ou mudança de processo que uma empresa esteja implementando.

7. Quais investimentos contínuos a empresa realiza em relação aos métodos de ESG?

Se considerarmos o tema material, temos diversas obrigações legais relacionadas à própria concessão. Existem muitos investimentos em comunicação social, abrangendo áreas como comunicação ambiental e comunicação de segurança. Todos esses aspectos fazem parte das obrigações legais de concessão, o que exige que demonstremos não apenas que estamos realizando nossas ações ambientais, mas também que estamos conscientizando a sociedade sobre a importância dessas iniciativas. Isso envolve investimentos em ações de comunicação com escolas e com a comunidade, que são critérios legais.

Investimentos em segurança, naturalmente, são um tema material e fazem parte da sustentabilidade. Também investimos em fornecedores, buscando sempre a melhoria das condições de trabalho, ou que se aplica tanto a fornecedores quanto aos nossos colaboradores internos. O transporte ferroviário exige que a operação nunca pare. O trem está sempre em movimento e, ao chegar a um pátio, o maquinista que está saindo da locomotiva dá lugar ao próximo, para que a operação continue.

O trem nunca desliga, e os maquinistas, que muitas vezes não residem nas localidades por onde passam, estão frequentemente apenas de passagem, aguardando para pegar um novo trem e retornar ao seu ponto de origem. Essa dinâmica traz a necessidade de disponibilizar alojamentos funcionais, para os quais estamos cada vez mais investindo em estruturas que se assemelham a um hotel, oferecendo conforto e um ambiente agradável.

Essa mesma preocupação se estende aos fornecedores, já que, em determinadas localidades, pode ser necessário realizar manutenções em locais de difícil acesso, onde não é viável o retorno no mesmo dia. Nesses casos, os fornecedores também precisarão de alojamento ao longo da via, devido à distância e à impossibilidade de voltar para a base no mesmo período. Um exemplo disso é a Serra do Mar, em São Paulo, onde, por vezes, a manutenção precisa ocorrer em pontos remotos, no meio da serra, exigindo a disponibilização de alojamentos adequados.

Esses investimentos são essenciais para garantir que esses locais sejam mantidos limpos e seguros, além de serem fundamentais para a melhoria contínua de nossas operações e emissões, e para garantir maior eficiência. Quando falamos sobre redução de emissões, na Rumo, é possível fazer um paralelo direto com os custos, uma vez que nossa principal fonte de combustível é o diesel, e o consumo de diesel representa um dos maiores custos da empresa.

Portanto, nosso compromisso é investir continuamente para aprimorar a segurança operacional diária e melhorar a eficiência dos trens. O objetivo é alcançar uma operação fluida, com os trens circulando de maneira contínua e eficaz, garantindo o transporte mais rápido possível da soja do Mato Grosso, ou de outras regiões, até os portos. Tudo isso implica em investimentos que não apenas trazem eficiência, mas também contribuem para a melhoria das emissões e para a redução do consumo de diesel naturalmente.

Em termos de segurança, por exemplo, os investimentos em melhorias nos investimentos em ferrovias com vias públicas são contínuos, sempre melhoram a operação, reduzem custos, diminuem o número de acidentes, melhoram as condições de trabalho e, por fim, minimizam os impactos ambientais de forma geral. Essas melhorias nos processos são essenciais para reduzir cada vez mais o impacto de nossas operações.

8. Qual é a distinção entre ESG e sustentabilidade no contexto da empresa?

Dessa forma, aqui destacamos que nossa atuação é mais voltada para a área de sustentabilidade, uma vez que ela adota uma visão abrangente, contemplando múltiplos stakeholders. O ESG, embora seja uma parte essencial, e não se deva subestimar sua importância, foca predominantemente em um grupo específico de shareholders, investidores e credores. Assim, o ESG possui uma visão mais restrita,

embora crucial para a empresa. No entanto, a sustentabilidade incorpora também outras perspectivas que são igualmente relevantes. Por essa razão, fazemos essa distinção e, internamente, preferimos enfatizar nossa busca pela sustentabilidade, considerando que ela representa um conceito mais amplo e que deve ser seguido, e não só a visão do ESG.

9. A empresa tem obtido lucro ou retorno financeiro em decorrência da adoção de práticas de ESG?

Iniciamos, por exemplo, com a intenção de gerar retorno financeiro, que nem sempre se traduz em lucro, pois o valor pode não ser tão expressivo, mas ainda assim conseguir alcançar resultados. Atualmente, há uma grande preocupação com os resíduos, por exemplo, muitos de nossos resíduos provêm de vagões antigos, que são grandes estruturas metálicas. Nesse contexto, temos o cuidado de remover as partes que possam causar danos, mas, em seguida, vendemos essa sucata. Existe uma área específica dedicada à venda de sucata, que envolve basicamente a comercialização de vagões antigos para reciclagem, permitindo que sejam reaproveitados de outras maneiras.

Na área de mecânica, por exemplo, quando uma locomotiva é desativada, os profissionais conseguem desmontar todo o motor e reaproveitar as peças em outras locomotivas, prolongando sua vida útil. Dessa forma, temos uma abordagem de economia circular, que, internamente, possibilita a obtenção de retorno financeiro por meio do reaproveitamento de recursos.

10. Qual é a importância atribuída ao ESG na empresa?

A Rumo é uma empresa de capital aberto, integrante do grupo Cosan, um dos maiores conglomerados do Brasil, que se destaca especialmente nas áreas de eficiência energética, com a presença da Raízen e da E-companhia de Gás. Nesse contexto, a Rumo se insere no setor de logística com foco em eficiência. Naturalmente, é necessário atender também à demanda dessa matriz, especialmente considerando que 70% de nossas ações em bolsa são detidas por acionistas externos, predominantemente estrangeiros, que possuem uma visão ampla e significativa sobre a questão da sustentabilidade. Eles têm interesse ativo em temas materiais que impactam. Portanto, ao abordar a sustentabilidade, temos uma preocupação

regulatória significativa, uma vez que é crucial manter o compliance e atender às exigências de diversas entidades reguladoras, como a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a B3, o governo federal, e a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT). A Rumo possui contratos de concessão de longo prazo, com vigência de 30 a 50 anos, e é fundamental cumprir as obrigações ambientais e previsões sociais nesses acordos, uma vez que o descumprimento pode implicar multas ou até mesmo a perda da concessão. Portanto, é crucial que eu atue nesse sentido, pois ao atender a essas demandas, posso adotar uma postura mais propositiva, aprimorando as ações e fortalecendo o relacionamento com investidores e credores, incluindo as instituições bancárias, que cada vez mais, cobram.

A Rumo é uma empresa em processo de expansão, que requer um significativo aporte de capital. Atualmente, está desenvolvendo um projeto de expansão no Mato Grosso, com um custo estimado em bilhões de reais, e esse financiamento precisa ser financiado. Esses recursos provêm de diversas fontes, incluindo bancos, credores e investidores, através de dívida ativa e debêntures. Ao demonstrar que a sustentabilidade está intrinsecamente integrada à nossa estratégia corporativa, ao nosso cotidiano e à nossa matriz de riscos, conseguimos transmitir a imagem de uma empresa comprometida com o longo prazo. Nosso setor, por sua natureza, é de longo prazo, com projetos como a construção de 700 km de ferrovia, um projeto de 10 anos, e uma operação contínua que pode se estender. Isso se refere ao transporte de cargas do Mato Grosso até o Porto de Santos, com destino à China, constituindo um processo logístico de longa duração, cujo ciclo operacional pode se estender por um período indefinido após a conclusão da fase inicial, dependendo da demanda e da continuidade da operação ao longo dos anos. Ao mostrar que estamos atentos às questões ambientais, como as emissões de carbono e a licença social para operar, reforçamos que somos uma empresa sólida e confiável para investimentos, pois os investidores podem adquirir minha dívida ou fornecer financiamento, uma vez que estou gerenciando de forma adequada todos os riscos envolvidos.

Do ponto de vista social, a Rumo opera com uma vasta rede ferroviária de 15.000 km, abrangendo mais de 500 municípios. Em cada um desses municípios, mantemos um relacionamento próximo, já que nossa operação é ininterrupta, funcionando 24 horas por dia, 7 dias por semana. A falta de um bom relacionamento com as comunidades pode impactar diretamente nossa operação, como demonstrado pelo aumento de

casos de vandalismo e problemas relacionados ao relacionamento com a comunidade, que ocorreram no ano passado. No entanto, isso gerou um alerta dentro da empresa, uma vez que, inevitavelmente, o objetivo final é garantir a chegada ao Porto de Santos. Trata-se de uma ferrovia, e é relativamente simples interromper o funcionamento de um trilho, assim como os problemas que surgem, qualquer incidente pode afetar nossa operação em cadeia. Por exemplo, a paralisação de um trem em Cubatão pode afetar a circulação de trens em outras regiões, como em Rondonópolis, no Mato Grosso. Atualmente, os trens operam de maneira sequencial, o que gera uma série de desafios operacionais, além de aumentar os riscos e impactos reputacionais para a empresa.

Portanto, é exatamente isso que buscamos demonstrar: a obtenção da licença social para operar, a criação de uma imagem atraente e o posicionamento como uma empresa comprometida, com uma visão voltada para o longo prazo. Esses aspectos são fundamentais.

11. O ESG é considerado parte da cultura organizacional da empresa?

Percebo que esse tema tem ganhado maior relevância recentemente. Prova disso é que, até mesmo, atualizamos recentemente os valores da empresa, introduzindo um acrônimo denominado "Rumo", no qual cada letra representa um conceito específico. O "M" de "mirando longe", e, na atualização mais recente, incorporamos a sustentabilidade a esse conceito, de maneira a agregar maior significado aos valores e à cultura da empresa.

Esta é a primeira grande atualização que está começando a ser inovadora. Com o tempo, planejamos fortalecer essa abordagem por meio de estratégias de comunicação e educação. Acredito que, neste momento, estamos começando a concretizar essa mudança de percepção sobre a importância da sustentabilidade. Trata-se de uma empresa de grande porte, com operações que se estendem quase até o Uruguai e quase até a Amazônia. Portanto, se não conseguirmos incorporar esses princípios em nossa cultura, será um grande desafio, visto que nossos 8 mil funcionários distribuídos por diversas localidades, o que dificulta a propagação de tais valores em toda a organização.

12. Há algum órgão responsável pela supervisão do desempenho das práticas de ESG?

Dentro da diretoria de Meio Ambiente, Responsabilidade Social e Sustentabilidade, temos a minha coordenação, a qual é responsável pela gestão da estratégia e governança da sustentabilidade, além de integrar questões relacionadas à comunicação e educação para a sustentabilidade. Trata-se de uma área que trabalha com o objetivo de conectar diferentes pontos e pessoas. A função principal é garantir que os processos ocorram de forma eficiente, garantindo a realização dos exercícios trimestrais que mencionamos. Nossa equipe é responsável pela elaboração do material que será apresentado nesses fóruns, sendo que, para cada tema material, há um líder designado. Não sou eu quem executa ações ambientais ou sociais, mas mantenho uma comunicação constante com os líderes dessas áreas para acompanhar o progresso, identificar o que está sendo feito e o que ainda precisa ser implementado.

Essa área busca garantir a continuidade das ações de sustentabilidade, garantindo que não sejam negligenciadas e promovendo, cada vez mais, sinergias entre as diversas iniciativas. Quando penso sobre a supervisão dessa área, considere esses pontos essenciais. Além dos fóruns referenciados, temos um comitê interno de sustentabilidade, que também se reúne trimestralmente, e um comitê estratégico de sustentabilidade, ligado ao conselho, que também ocorre trimestralmente. Esses dois fóruns oficiais são fundamentais para o andamento da sustentabilidade na empresa, pois permitem que eu apresente as iniciativas de alta liderança, que constantemente nos orienta e questiona sobre o que pode ser melhor.

13. Existe um ranking de ESG? Se sim, qual é sua relevância no mercado?

Sim, existem diversos índices, e aqui se aplica bem a expressão "sopa de letras" frequentemente associada ao ESG. Exemplos incluem EASY, Dow Jones, MSA, Sustainalytics, CDP, TCFD, GRI, entre outros. Posso citar uma série de siglas, mas vou me concentrar nos índices nos quais a Rumo está presente. Atualmente, a Rumo integra o EASY, que está vinculado à B3, e o Dow Jones, especificamente o DJSI, que é o índice de sustentabilidade do Dow Jones. Esses dois índices são bastante abrangentes, tratando da sustentabilidade da forma geral. Além disso, temos alguns outros índices mais específicos, como o CDP, que está focado nas mudanças

climáticas, e para o qual precisamos apresentar respostas para manter nossa participação no EASY. Também participamos de diversos rankings e índices de mercado, os quais geram notas para empresas de capital aberto, ajudando os investidores a decidirem onde alocar seus recursos. Entre esses, destaco o MSCI, Sustainalytics, ISS e EcoVadis. Como mencionei, trata-se de uma "sopa de letras", composta por empresas que avaliam organizações de capital abertas com o objetivo de fornecer orientação aos investidores sobre quais empresas podem ser mais interessadas para investir. O MSCI atribuiu uma nota à Rumo, o Sustainalytics também, assim como o EASY, o Dow Jones, e outros, todos avaliando as práticas que adotamos.

A relevância desses índices é notável, especialmente no contexto do mercado financeiro e dos investidores. Eles não apenas tornam a empresa mais atrativa, mas também motivam a melhoria contínua de suas práticas. O Dow Jones e o EASY, entre outros, desempenham um papel importante ao contribuir para a agenda de sustentabilidade dentro da empresa, com uma abordagem mais voltada para o ESG, e não apenas para a sustentabilidade. Embora a sustentabilidade seja um foco principal, a perspectiva ESG também é importante para essas avaliações. Esses índices e classificações são de extrema relevância para o mercado e os investidores, pois fornecem parâmetros valiosos de melhores práticas, incentivando a empresa a buscar sempre contínuo.

14. Há algum aspecto adicional que você gostaria de mencionar?

Muito do que foi mencionado é de caráter geral, não se referindo especificamente à Rumo. Os benefícios que descrevi são aplicáveis a qualquer empresa, não se restringindo à nossa. Embora a Rumo atraia grandes recursos do mercado devido às suas demandas de compliance, devido à natureza do seu setor, tudo o que foi exposto reflete uma visão ampla que pode beneficiar qualquer empresa. Assim, qualquer empresa de capital aberto no Brasil pode usufruir dos benefícios discutidos aqui.

Como sempre, existem desafios consideráveis. Por exemplo, uma empresa pode simplesmente estabelecer uma meta, como tornar-se carbono zero até 2030, e depois buscar um plano para alcançá-la. Essa abordagem foi comum no passado, mas hoje as empresas estão compreendendo que os investidores estão cobrando uma abordagem mais estratégica e consciente, sem essa simplificação. É fundamental

adotar práticas sustentáveis, pois não se trata de uma agenda que traga resultados imediatos. Frequentemente, isso dificulta a implementação, uma vez que não resulta em ganhos diretos e rápidos, como um aumento imediato de lucros.

Trata-se de uma visão de longo prazo, voltada para problemas que podem surgir no futuro, questões que exigem constante reflexão e planejamento. Atualmente, está ficando cada vez mais claro para todos, especialmente devido aos impactos como queimadas, secas e chuvas excessivas. Falando especificamente sobre a Rumo, tenho uma preocupação com os impactos que enfrentamos no Rio Grande do Sul. Caso não tomemos as devidas precauções, nossos clientes, dos quais 80% pertencem ao setor agropecuário, principalmente no Centro-Oeste, enfrentarão desafios com a produção. Isso terá um impacto direto sobre nós.

Essa relação está se tornando cada vez mais evidente, pois é uma questão de pensamento de longo prazo, o que não é comum em muitas empresas. Normalmente, as empresas tendem a focar no curto prazo, com uma mentalidade de ação, reação e resultados imediatos. Aqui, estamos trabalhando para prevenir problemas no futuro, o que nem sempre oferece visibilidade imediata, pois estamos tentando evitar algo antes que aconteça. Se não houver impacto, muitas vezes ninguém lembrará das ações tomadas, mas elas são essenciais para o trabalho. É uma agenda desafiadora, que exige tempo para se concretizar, e isso é o mais importante a ser compreendido. Tudo o que estamos fazendo internamente teve grande evolução no último ano. No entanto, agora estamos em um processo contínuo, onde, a cada trimestre, as pessoas terão a oportunidade de aprender e assimilar o conhecimento, avançando para o próximo ciclo. À medida que todos adquirem maior compreensão e maturidade, a sustentabilidade também tende a evoluir de forma mais robusta. Assim, trata-se de um processo de longo prazo, que não é tão simples,

APÊNDICE B

Entrevista sobre ESG com a Camila Bueno representante da Zurich.

1. Qual foi o momento em que a empresa começou a implementar os métodos relacionados ao ESG?

A sustentabilidade aqui na Zurich começou com responsabilidade social corporativa, principalmente com o programa de voluntariado, diferente de muitas empresas que começam olhando para os temas ambientais.

2013 – Voluntariado e criação da área de responsabilidade social corporativa.

2017 – Começamos a incorporar práticas mais consistentes olhando para diversidade e inclusão.

2019 – Estabeleceu-se uma governança de sustentabilidade, e começamos a olhar de uma maneira mais estruturada. Criamos 4 grupos de trabalho que seguiam uma estratégia definida.

2. Havia práticas de ESG já estabelecidas anteriormente, ou a implementação representou uma mudança mais radical?

Foi muito natural em 2013 começamos com voluntariado, em 2017 nós começamos a olhar para a parte de diversidade e inclusão e redução de plásticos nos escritórios.

3. Quais foram as primeiras alterações observadas na implementação das práticas de ESG?

Em 2019 foi quando nós aprovamos os primeiros produtos sustentáveis com a Global, ou seja, a Global tem um processo para entender se o produto ele é o sustentável ou não, onde passa por toda uma análise. Qual o impacto e qual o Pilar? Ambiental, ou social? O que que os clientes ganham com esse produto? É feita toda uma análise e aí aprova, se o produto é considerado sustentável ou não. Os primeiros produtos aprovados foram seguros para carros elétricos e híbridos, e um seguro com proteção contra quedas, fraturas e queimaduras focado para o público idoso.

4. Quais desafios foram enfrentados durante o processo de implementação do ESG?

Temos alguns desafios e destaco dois, primeiro conectar todos os temas ESG com a sustentabilidade, de forma que as pessoas não pensem apenas que sustentabilidade é meio ambiente. E segundo mostrar que a sustentabilidade não é apenas "mais gasto" para a empresa.

5. Quais impactos positivos podem ser atribuídos à adoção de práticas de ESG?

Como nós olhamos muito para a questão social, acho que o pertencimento das pessoas, aqui no Brasil diferente da Europa por exemplo, nós já percebemos que o que move as pessoas é lado Social do ESG, o ambiental tem um apelo também mas o que faz as pessoas fazerem acontecer é o lado social, então ter começado por esse lado, mostra a evolução do voluntariado que começou lá em 2013, hoje já batemos quase 6.000 horas de voluntariado, 400 horas a mais da nossa meta e as pessoas procura se voluntariar, querendo conhecer a área, mostra o quanto as pessoas se sente pertencidas e motivadas.

6. Quais foram os impactos negativos associados à implementação do ESG?

Acho que impacto não, acredito que é uma resistência das pessoas de entenderem que isso faz parte do dia a dia e que não é um a mais, até hoje sentimentos isso, ainda que se tenha pessoas abertas, outras podem acabar pensando “nossa, mais uma coisa para eu fazer” ou “aí para que vou me importar com isso, qual diferença vai fazer”.

7. Quais investimentos contínuos a empresa realiza em relação aos métodos de ESG?

Na Zurich nós temos orçamentos dedicados para a diversidade e sustentabilidade, não são valores muito altos, mas ainda ter um orçamento dedicado a isso, mostra a importância da empresa. De RSC trabalhamos com leis de incentivo e doação direta, e todos os projetos que apoiamos são avaliados de forma criteriosa para verificar a conexão com a nossa estratégia. No relatório de sustentabilidade é possível verificar o valor que realizamos de doações no último ano.

E um investimento importante é o conhecimento, estamos sempre buscando trazer o tema em diversas pautas e treinamentos. Temos anualmente a semana da sustentabilidade, onde buscamos sempre trazer os temas do ESG de forma mais palpável para as pessoas.

8. Qual é a distinção entre ESG e sustentabilidade no contexto da empresa?

Nosso olhar é para a sustentabilidade, de forma estruturada se conectando aos pilares de sustentabilidade do grupo, planeta, pessoas e clientes.

Todas as nossas iniciativas são pautadas em uma estratégia definida para 3 anos, e conectadas com os pilares do grupo, onde muitas das iniciativas percorrem por dois ou mais pilares.

É possível ver na prática as coisas acontecerem, como por exemplo, em 2024 dobramos a quantidade de produtos sustentáveis em nosso portfólio, e por passar por um processo rigoroso com o grupo é um dos nossos maiores ganhos em sustentabilidade. Então governança vem muito disso, de como nós estamos fazendo as coisas acontecerem e como nós trazemos transparência para os processos.

9. A empresa tem obtido lucro ou retorno financeiro em decorrência da adoção de práticas de ESG?

Atualmente não temos mensuração de quanto "ganhamos" com sustentabilidade, mas conseguimos ver o quanto algumas práticas nos ajudam a economizar.

10. Qual é a importância atribuída ao ESG na empresa?

Aqui é um tema muito importante, e acontece de forma genuína, onde a empresa atua com sustentabilidade porque quer, e não porque é cobrada, está na moda, etc.

11. O ESG é considerado parte da cultura organizacional da empresa?

A sustentabilidade já está na cultura, e assim, não é só no Brasil, é da Zurich global, como eu comentei, temos os pilares de sustentabilidade, que são pessoas, planeta e clientes. E toda a nossa estratégia foi desenhada para atingir esses pilares, onde nossas iniciativas se conectam com isso.

E assim vejo que temos muito a desenvolver, mas a sustentabilidade está em nosso DNA.

12. Há algum órgão responsável pela supervisão do desempenho das práticas de ESG?

No que se diz respeito a supervisão das práticas ESG, a Zurich possui uma gerência de sustentabilidade e responsabilidade social corporativa que faz toda a governança dos processos, bem como o controle ao atendimento aos requisitos da Circular 666 da SUSEP, que olha para os riscos de sustentabilidade, onde possui algumas obrigações como a publicação de uma política de sustentabilidade, realização de

estudo de materialidade de riscos sustentáveis. Além da circular 666, a Zurich atende a todas as legislações aplicáveis ao seu negócio, como por exemplos as Normas Regulamentadoras de Segurança do Trabalho.

13.Existe um ranking de ESG? Se sim, qual é sua relevância no mercado?

No mercado existem alguns rankings, como por exemplo o ISE da B3, ou o Dow Jones, bem como CDP, GPTW e GHG protocol, que são bem conhecidos.

Existe também o Brand Consideration e RNPS que possuem perguntas específicas de impacto no planeta e na sociedade. Porém olhando apenas para o nosso setor, não possui atualmente um ranking. Há algumas iniciativas onde é avaliado o relatório de sustentabilidade e é verificado o que e como as empresas estão reportando, e com isso cria-se um score.